



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

CARIRI
Centro Cultural

instituto
mirante



PROGRAMA DE
EXPOSIÇÕES
1ª EDIÇÃO • CENTRO CULTURAL DO CARIRI

PROGRAMA DE
EXPOSIÇÕES

1ª EDIÇÃO • CENTRO CULTURAL DO CARIRI

PROGRAMA DE
EXPOSIÇÕES
1ª EDIÇÃO • CENTRO CULTURAL DO CARIRI

Baião de Dois

Pedro de Lima

Curadoria: Joana Brito de Lima Silva

Denegrindo Arqueologia Pessoal

soupiço

Curadoria: Lívio Pereira

Entre Mundos

Rita Huni Kuin e Yaka Huni Kuin

Escuta Sensível das Plantas

Lyz Vedra

SUMÁRIO

11

Programa de Exposições



13

Baião de Dois
Pedro de Lima

Curadoria: Joana Brito de Lima Silva



41

Entre Mundos
Rita Huni Kuin e
Yaka Huni Kuin



25

Denegrindo
Arqueologia Pessoal
soupixo

Curadoria: Lívio Pereira



55

Escuta Sensível
das Plantas

Lyz Vedra

Centro Cultural do Cariri: um espaço de celebração ao patrimônio e à criatividade contemporânea

Com grande entusiasmo, apresentamos o catálogo da 1ª edição do Programa de Exposições do Centro Cultural do Cariri Sérvulo Esmeraldo, uma iniciativa da Gerência de Patrimônio Cultural e Memória desta casa, dedicada a fortalecer as pontes entre o patrimônio material e imaterial e as narrativas contemporâneas que ecoam da nossa ancestralidade.

Este programa marca um momento histórico, pois contempla quatro projetos artísticos que traduzem, em potência e sensibilidade, a riqueza cultural e a diversidade criativa que pulsa na região do Cariri.

Ao mergulhar nas páginas desse compilado memorável, o leitor acessa obras como “Baião de Dois: Xilogravuras e Encantos”, de Pedro de Lima, que celebra a arte da xilogravura; “Denegrindo Arqueologia Pessoal”, de soupixo, que nos leva a uma jornada interior; “Escuta Sensível das Plantas”, de Lyz Vedra, que traz uma reflexão eco-poética sobre os ciclos da natureza; e “Entre Mundos”, de Rita Huni Kuin e

Yaka Huni Kuin, que traduzem a visão de mundo do povo Huni Kuin através de pinturas que funcionam como portais ancestrais.

O Governo do Ceará, por meio da Secretaria da Cultura, investe nas artes visuais do estado por meio de programas de exposições, editais de incentivo, residências artísticas e ações que promovem a diversidade cultural e a valorização de artistas, fortalecendo a cena contemporânea e o diálogo com as tradições.

O Programa de Exposições reafirma o compromisso da Secult Ceará com a valorização do patrimônio e da memória, ao mesmo tempo em que dialoga com a contemporaneidade como um prisma que reflete as múltiplas pulsões de vida, paisagens e ancestralidades latentes em poesia.

Que esta edição inspire e fortaleça o encontro entre artistas, público e as memórias que atravessam gerações.

Luisa Cela
Secretária da Cultura do Ceará

Raízes longas e gestos infinitos

1º Programa de Exposições do Centro Cultural do Cariri

Desde sua inauguração, em 2022, o Centro Cultural do Cariri tem se firmado como um espaço para as artes visuais em diálogo com a tradição cultural e com a contemporaneidade. Em seus três anos de existência, o equipamento cultural – gerido pela Secretaria da Cultura do Ceará em parceria com o Instituto Mirante de Cultura e Arte – acolheu expressivos nomes da arte em seus espaços museais, como Efrain Almeida, Sérvulo Esmeraldo, Samuel Macedo e Graciela Iturbide.

Também se destacaram exposições coletivas que traduzem a complexidade e a potência das narrativas locais, ancestrais e políticas: Terra em Transe; Hãhãw: arte indígena, antirracista; Nascente da Trama e do Som, que reuniu mais de 40 obras entre lutheria e arte têxtil; e Debaixo do Barro do Chão, um mergulho poético na trajetória de Gilberto Gil.

Com o objetivo de expandir os horizontes da criação e tornar o espaço cada vez mais plural e acessível, foi lançado o 1º Programa de Exposições do Centro Cultural do Cariri, dedicado ao mapeamento, estímulo e aprofundamento de discussões em torno

da arte contemporânea a partir da territorialidade caririense. Quatro propostas de artistas visuais foram selecionadas para ocupar, simultaneamente, os espaços expositivos da Galeria do centro cultural.

Pedro Lima, soupixo, Lyz Vedra e a dupla indígena Rita Huni Kuin e Yaka Huni propõem, por meio de suas obras, caminhos que atravessam a memória cultural nordestina, as relações étnico-raciais, a escuta da natureza e os saberes do povo Huni Kuin. Obras de arte que se encontram no espaço expositivo para refletir, provocar e compartilhar experiências que partem do território e seguem em direção ao coletivo.

O Programa de Exposições revela a pluralidade estética e política da produção artística caririense. Ao valorizar vozes emergentes e narrativas enraizadas, o Centro Cultural do Cariri reafirma seu compromisso com uma arte que pulsa no chão que pisa e que ressoa para além dele – atravessando o país como gesto, linguagem e resistência.

Tiago Santana
Diretor-presidente do Instituto Mirante

Raízes que sonham o mundo

Na obra científica de Carl Gustav Jung, *Ecologia da Alma*, a natureza se apresenta dentro do conceito de que todos os seres, independente de espécie, buscam a realização de seu potencial no meio em que vivem. Assim como a semente almeja tornar-se árvore e, assim como o dia se completa com a noite, o ser humano busca a sua própria realização.

Para atingir essa meta, Jung ressaltava que o indivíduo deve conciliar natureza e a cultura, integrar a sombra à personalidade consciente do eu e desfazer todos os pares de opostos vigentes em sua vida psíquica.

O autor, no entanto, advertia que a individualização não deve ser confundida com individualismo. Para ele, o individualista nega suas origens e suas raízes e vive em um mundo ilusório, no qual se acredita independente de seu próximo, ignorando o verdadeiro sentido do processo de individualização.

As obras de Pedro de Lima, soupixo, Lyz Vedra, e a dupla Rita Huni Kuin e Yaka Huni Kuin, artistas participantes do 1º Pro

grama de Exposições do Centro Cultural do Cariri, fazem parte dessa energia da vida, mostrando suas paisagens, brotando ancestralidades latentes em toda sua poética em um belo conjunto, mantendo ao mesmo tempo suas características e percursos individuais.

Essa 1ª edição do Programa de Exposições, coordenada pela equipe de profissionais da Gerência de Patrimônio Cultural e Memória do equipamento, nos proporciona a fruição do patrimônio material e imaterial, a memória documental e oral, através destas experiências de muita potência, com linguagens manifestadas em um conjunto de processos entrelaçados. Elas mostram que somos todos um e ao mesmo tempo únicos, dentro da multiplicidade de manifestações nesse universo infinito que é a arte e a cultura, sendo esta a verdadeira vocação do Centro Cultural do Cariri.

Rosely Nakagawa
Diretora do Centro Cultural do Cariri

1º PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES

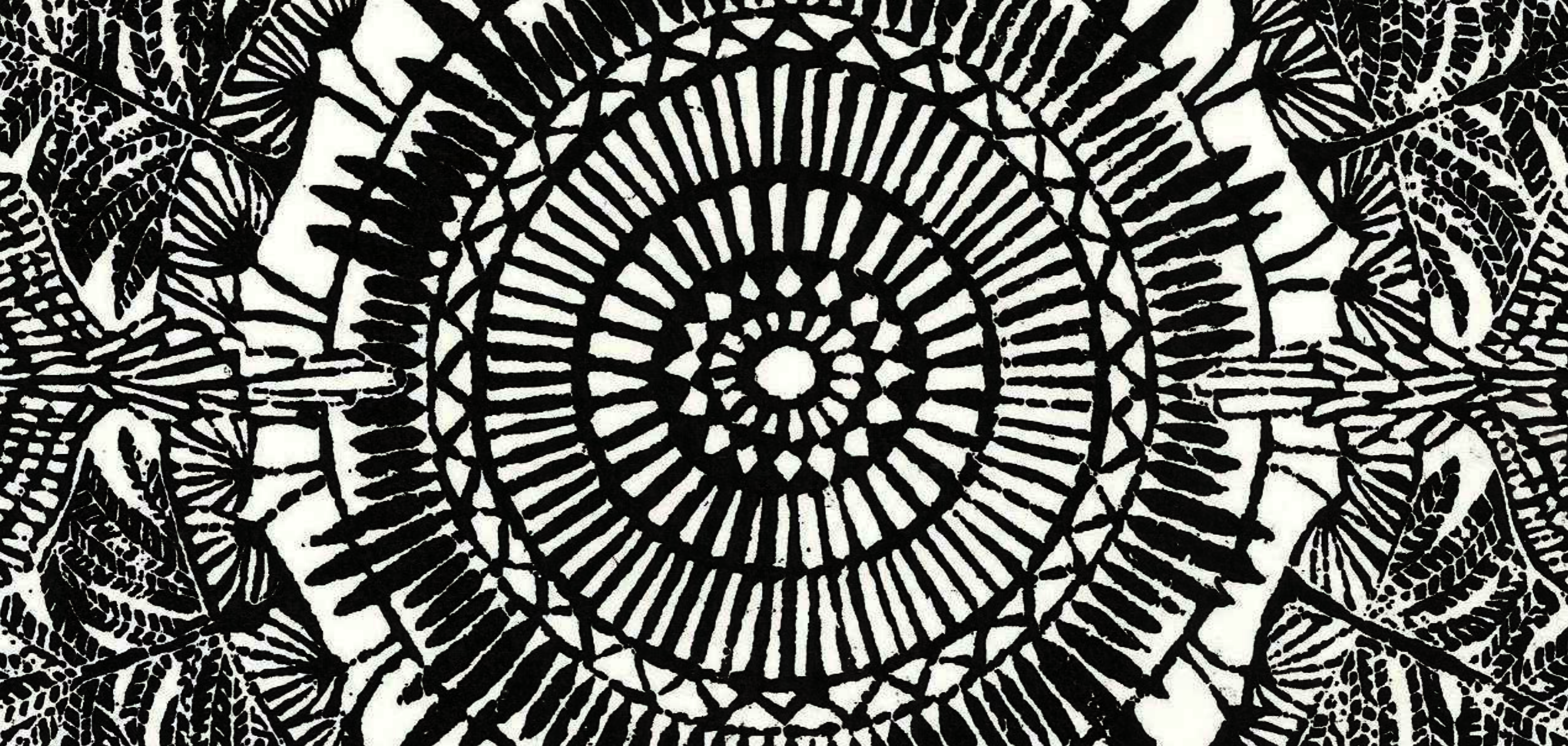
A partir de uma perspectiva entranhada nas ancestralidades que forjam expressões poéticas na arte contemporânea, a 1ª edição do **Programa de Exposições do Centro Cultural do Cariri** faz do espaço expositivo um portal para íntimos territórios imaginados. Trata-se de uma ação operada pela Gerência de Patrimônio Cultural e Memória, que entrecruza estéticas culturais, o patrimônio material e imaterial e a memória documental e oral, demarcando a potência criativa que pulsa no encontro entre Pedro de Lima, soupixo, Lyz Vedra, e a dupla Rita Huni Kuin e Yaka Huni Kuin.

Como principais personagens de **Baião de Dois: Xilogravuras e Encantos**, Pedro de Lima invoca em mandalas certas presenças fundantes do nosso imaginário, reunindo orixás, vaqueiros e festejos de maracatu e carnaval. Já a introspecção de **Denegrindo Arqueologia Pessoal**, de soupixo, oferece ao público um relicário de artefatos familiares catalisadores de pautas étnico-raciais numa perspectiva autobiográfica atrelada à experiência coletiva do tornar-se negra.

Por sua vez, em **Escuta Sensível das Plantas**, Lyz Vedra cria uma paisagem eco-poética de diluição da razão e de estímulo sensorial diante da natureza e seus ciclos orgânicos. Seguidamente, em **Entre mundos**, Rita Huni Kuin e Yaka Huni Kuin apresentam um conjunto de pinturas como tecnologias ancestrais de travessia: portais para a cosmogonia do povo Huni Kuin.

O que se propõe é uma encruzilhada poética que encarne no espaço expositivo uma travessia que transpasse e faça conviver quatro ecossistemas poéticos, em suas respectivas dimensões: da intimidade política à cosmogonia pictórica; da incorporação do lendário à fecundação do orgânico. É nesse sentido que este Programa de Exposições volta-se à contemporaneidade como um prisma que dá a ver uma multiplicidade de pulsões de vida, paisagens e ancestralidades latentes em poesia.

Gerência de Patrimônio e Memória



BAIÃO DE DOIS

Xilogravuras e
Encantos

Pedro de Lima

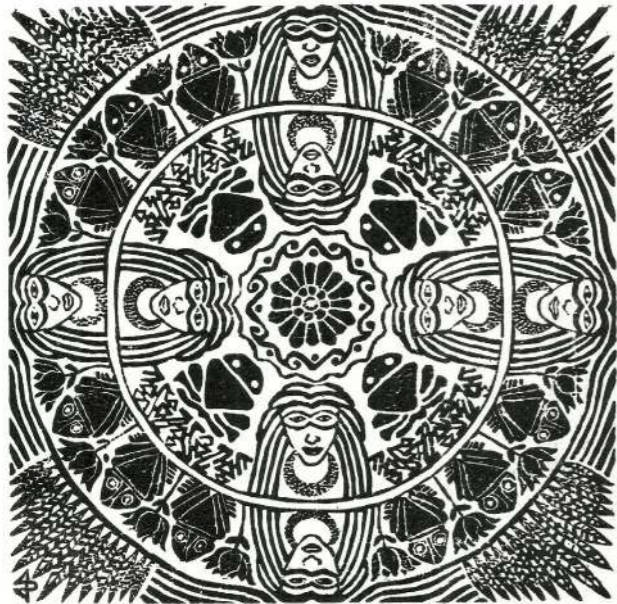
Curadoria e texto: Joana Brito de Lima Silva

A exposição Baião de dois: xilogravuras e encantos é um convite para um saboroso banquete visual, composto de xilogravuras originais, ricas em ingredientes críticos e inquietantes.

A receita a ser degustada encontra-se em dois livros escritos e ilustrados por Pedro de Lima, autor das xilogravuras expostas – Encantos do Brasil: xilogravura e cultura popular e Baião de dois: sons e sabores do Brasil.

São xilogravuras que expressam o encanto e o apreço do artista por celebrar a memória cultural e artística brasileira.

Vaqueiros, artigos de couro, estandartes de festas populares, elementos da natureza, como palmeiras, penas de cocares indígenas, ondas do mar, e as marcas dos encontros históricos, iniciados na colonização do país, são algumas dessas memórias culturais cravadas nas xilogravuras.



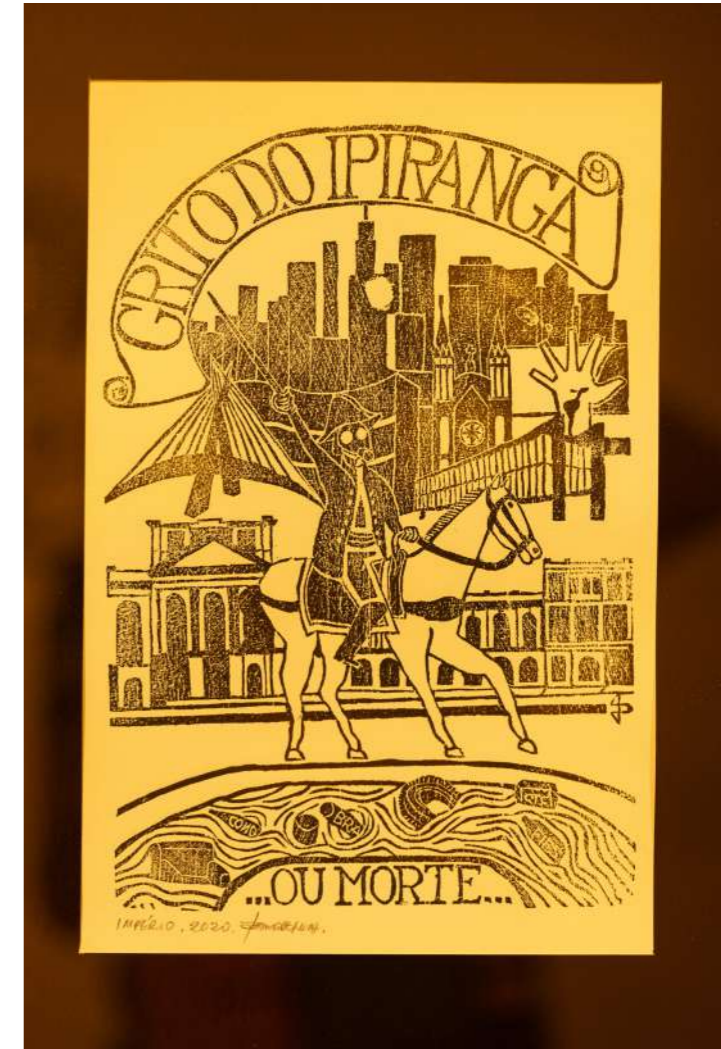
MUIRAQUITÃ - 2017 - PEDRO DE LIMA

“Muiraquitã, 2017”
Pedro de Lima

Afinal, xilogravar é a técnica de esculpir símbolos, formas e sentidos na madeira, visando, também, gravar e registrar a memória cultural ali retratada.

Assim, nessas xilogravuras, os encantamentos se misturam às narrativas desenhadas por Pedro de Lima, como numa saborosa receita na qual os temperos aguçam o apetite de quem vê e lê suas obras.

Apreciem e degustem as xilogravuras e os encantos servidos neste baião de dois, acompanhado de sons e sabores diversos.



“Império, 2020”
Fotografia: Samuel Macedo



Abertura do Programa de Exposições
Fotografia: Samuel Macedo



Exposição Baião de Dois
Fotografia: Samuel Macedo

BAIÃO PARA MAIS DE DOIS: IMAGENS, ESPAÇOS E HISTÓRIAS.

Texto: Luciara Ribeiro, curadora.

Baião de Dois

Pedro de Lima

Curadoria: Joana Brito de Lima Silva

Em “Baião de dois: sons e sabores do Brasil”, mostra que reúne xilogravuras do artista Pedro de Lima exibe uma série de trabalhos que dialogam com a história social do Brasil, questionando em imagens as violências destiladas ao longo desses cerca de 524 anos de colonização. As narrativas escolhidas pelo artista possuem caminhos abertos, flertando com as questões próprias da técnica de xilogravura, trazendo referências desta com o território nordestino, onde há grande legado da prática. Com traços marcantes, Lima pensa narrativas visuais lineares, verticais e circulares, provocando a leitura como gesto de convergência em um mesmo ponto, de divergência para planos que ultrapassam os limites do papel e de sequência aos atos, levando os olhos a caminharem com cada personagem-sujeito.

Chama a atenção o processo de circularidade e sua escola compositiva. Uma criação que centraliza ao mesmo tempo que descentraliza, nos remetendo desde composições mais conhecidas no cotidiano social, como as mandalas indianas, à gestos visuais implicados em pensamentos e cosmovisões culturais, principalmente de povos não ocidentais, como o caso de culturas afro-brasileiras e indígenas brasileiras. Parte das obras foram produzidas desde os anos 1970 até a atualidade. A produção intensa dos trabalhos de Pedro de Lima se dá no período em que ele vivia em Brasília, durante a ditadura Empresarial-civil-militar, tendo presenciado as duras cenas de violência. São imagens marcadas pela denúncia, pelos gritos de luta, por menções aos manifestos e protestos nas ruas. Em “Brasil de contrastes e contradições”, de 2021, ao duplicar e inverter o nome do país, Lima revela a incerteza contida no que chamamos de Brasil. Para provocar, utiliza esse jogo de palavras em imagem visual para substituir a frase que estampa a bandeira nacional. Não há ordem, não há progresso, há um Brasil ainda dividido, separado, confuso, invertido. Um Brasil que precisa se rever, que precisa se colocar no espaço para ser analisado. E talvez seja esse o ganho que a exposição possa nos trazer, o debate, a crítica e a conversa.



"Brasil de contrastes e contradições, 2021"

Observar cuidadosa das imagens, investigá-las e através delas compreender os papéis políticos exercidos em sua formação, seus impactos, a imaginação social, a vida e o mundo. O poder das imagens é inquestionável. No campo social, elas transitam por caminhos que podem ampliar as nossas capacidades e visões, adentrando da abstração ao real, na subjetividade da crítica, das crenças e das falsas certezas. A busca

por dignificar sujeitos no mundo, dos seres que nele habita, sejam vivos ou não, passa pelo trato cuidadoso daquilo que criamos e apresentamos. Em vista disso, processos que envolvem a ação de ver e rever imagens são fundamentais para alterarmos os elementos estereotipados e injustos do imaginário visual coletivo. E ao fazer isso, além do dever político com elas, realizamos um encontro entre nós e suas funções.

Reverenciar o baião de dois no título da exposição é uma forma de retornarmos a esta palavra, que além de denominar um prato da culinária cearense e nordestina, também fala de uma história colonial do país. O baião não é a mistura ou homogeneidade das coisas. O baião é o movimento, é a circularidade. Só se faz baião mexendo, e mexendo muito. Baião é corpo, é vida. O baião está na musicalidade que o corpo escuta e se alimenta, em um movimento que não é fragmentado, mas unido na vida. Baião é uma tecnologia

dos saberes africanos e indígenas deste país, base fundamental também para o território que hoje reconhecemos como Ceará, lugar que precisa ser pensado e analisado criticamente, em escolhas visuais e autorais de como contam e recontam suas histórias.

Quem tem criado as imagens para este espaço? Que dita as artes deste lugar? De onde vem os baiões referenciados no Ceará? Quem tem servido este baião? Quais pessoas são colocadas nas autorias desses baiões? Questionar o Brasil com firmeza e afirmando o exercício de caminhar do micro ao macro, e vice-versa, com o movimento da análise-crítica das políticas cotidianos, dos nossos fazeres e afazeres, dos nossos baiões. Que baião de dois: são esses? Que sons e sabores eles nos traz? Que a pulsão gerada por esta exposição possa culminar em sentidos para além de suas margens, vislumbrar caminhos novos do dito e não dito.



Onda se guarda tesabros.

Denegrindo Arqueologia Pessoal

soupixo

Curadoria e texto: Lívio Pereira

“ *A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio. (Aliás, o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal depois do trabalho de se descortinar muitos véus.) Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades.* ”

Neusa Santos Souza

A arte, entre tantas outras possibilidades, serve como ferramenta de sublimação de todas as violências sofridas por um sujeito, assim como dispositivo de enfrentamento a essas violências. A artista soupixo, realiza esses dois movimentos ao se apropriar das memórias de sua mãe e avó materna para enfrentar normas sociais que violentam os corpos de mulheres negras no Brasil desde a invasão portuguesa, que violou e infringiu dor as suas ancestrais nas colonizações que homens brancos impuseram contra nações em África.

Não interessa a artista aqui iniciar uma guerra contra indivíduos brancos de forma particular. O movimento que ela faz é de lançar luz sobre as violências que a branquitude histórica e sistematicamente impõe contra as populações negras. Trata-se de um convite aos brancos a repensarem sua cultura, ou seja, sua linguagem, seu humor, suas crenças e costumes, que tanto machucam e expropriam os sujeitos que não pertencem ao grupo branco. Assim como um processo de reflexão com outras pessoas negras sobre as causas do racismo e tudo o que decorre dele.

soupiço parte da precariedade e da ausência de objetos, fotografias e outros símbolos que costumamos guardar em nossas caixas de recordações para criar fabulações. Por meio da tecnologia ela transforma sua avó em rainha, em miss e em muitas outras possibilidades para além do trabalho doméstico que lhe foi imposto. Ela substitui o ferro de engomar, hora usado no trabalho hora usado para alisar cabelos insubmissos, por máquinas de escrever e a possibilidade de ser escritora como Carolina Maria de Jesus ou Stella do Patrocínio. Transforma botões, dentes e chaves velhas em relíquias valiosas.

Ao tornar-se negra, a artista, assim como indicou a psicanalista Neusa Santos Sousa, pioneira no Brasil, resgata a sua história e a recria em suas potencialidades.



Vista da exposição.
Fotografia: Samuel Macedo



Abertura do Programa de Exposições
Fotografia: Samuel Macedo



Idílico, 2018
Vista da exposição
Fotografia: Samuel Macedo



Vista das Exposições Denegrindo Arqueologia Pessoal
e Escuta Sensível das Plantas
Fotografia: Samuel Macedo

ENEGRECENDO AS REFERÊNCIAS: A POÉTICA-POLÍTICA DE SOUPIXO.

Texto: Claudinei Roberto da Silva, curador.

*Denegrindo Arqueologia Pessoal
soupixo*

Curadoria: Lívio Pereira



Em território brasileiro a emergência de valores artísticos surgidos no campo da produção afrodiáspórica é um acontecimento digno de ser considerado a partir da sua gravidade política, do seu alcance sociocultural e da densidade poética que lhe é inerente. Aliás, é primeiramente necessário reconhecer a importância simbólica desse léxico insurgente, pois, as próprias características de um capitalismo marcadamente escravista que se desenvolveu nas franjas das metrópoles colonialistas e imperialistas impõem, historicamente, a esses artistas pertencentes a diáspora africana, uma cota extra de dificuldades na concepção e execução dos seus projetos. Notadamente se eles, além de pertencerem a grupos sociais secularmente excluídos como são, os originários e os negros, são também mulheres, e no caso em tela, nordestina, proletária e periférica.

soupixo, artista Cariri cearense, confirma, através dos resultados do trabalho que vem elaborando, que a excelência conceitual e a densa resolução formal são

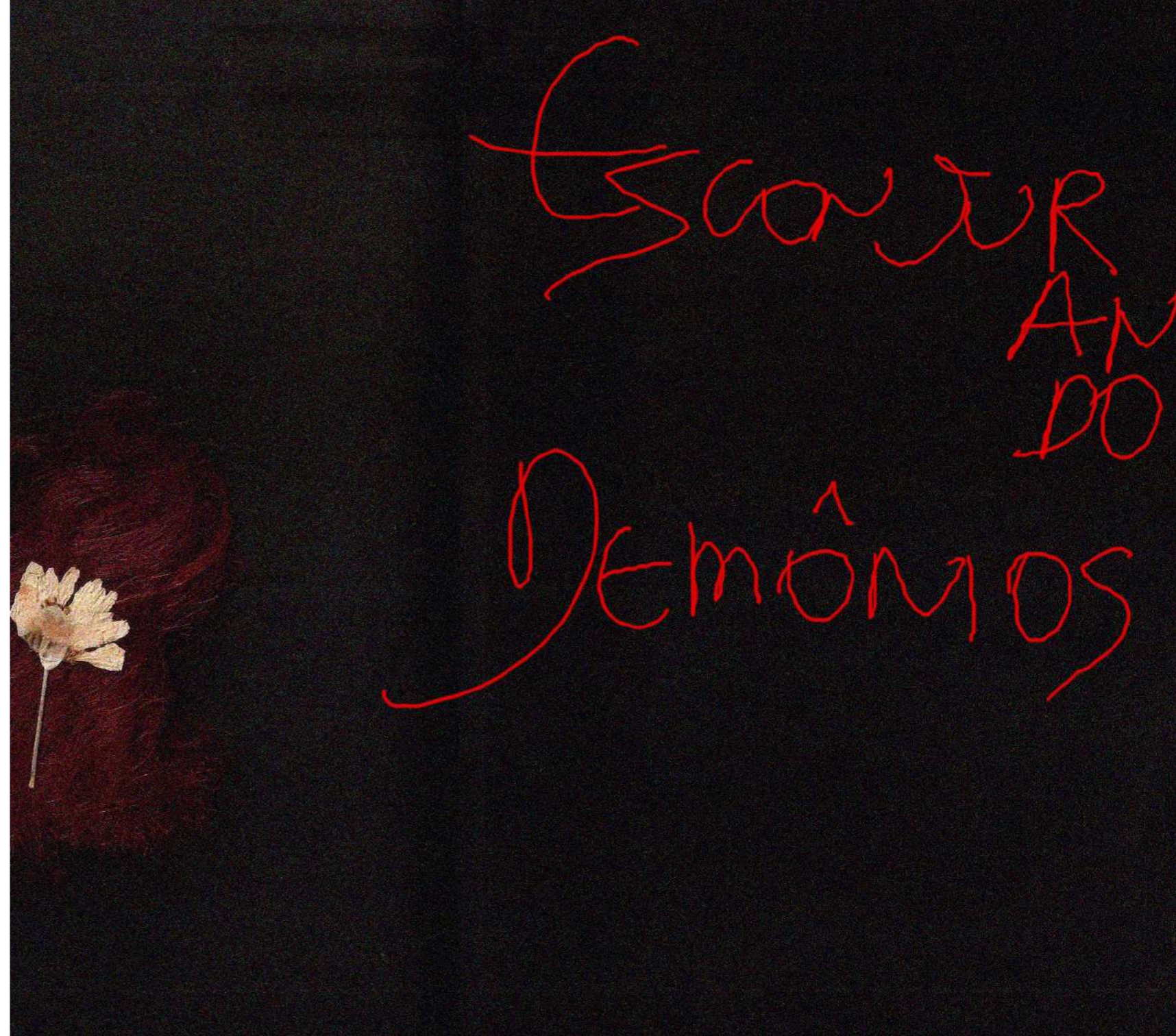
atributos também, ou especialmente, cultivados através das histórias ancestrais ou contemporâneas, que ela soube, em projeção arqueológica, poética e politicamente, investigar, interpretar e valorizar. Histórias que dada a sua profundidade e alcance, transcendem a biografia da artista, e que são fundamentais a constituição do seu veemente e particular vocabulário plástico.

É igualmente relevante que poéticas tão características venham a público e circulem através de iniciativas como esta que propõe o Centro Cultural do Cariri Sérvulo Esmeraldo; espaço cultural que a partir da sua atuação alicerça a emergência e a afirmação de novos e importantes vetores de produção e difusão de conhecimento. Fato que contribui de maneira decisiva para a consolidação de um cenário artístico policêntrico, em processo de descolonização e, portanto, coerente com a diversidade étnica, de classe e gênero que caracteriza nosso cenário social plural e almejados ideais de democracia, justiça e equidade.

Há séculos o capitalismo introduziu certa noção de progresso que estabelece a natureza como fonte primária e inesgotável de matérias, concepção, obviamente, submissa as orientações do capital. Na Europa desde o século XVI, a expansão mercantil, o desenvolvimento tecnológico a ele associado, e o conseqüente crescimento das cidades (e de seus mercados) são fatores que vão, paulatinamente, exigindo a exploração de novas rotas de comércio e novos territórios de onde extrair matéria prima e onde, sincronicamente, é encetado o engajamento e exploração de uma massa de trabalhadores e trabalhadoras, geralmente escravizados na exploração dos recursos naturais e na produção de bens de natureza variada. Nesse processo o mundo do outro é subjugado e excluído, em relações onde predomina o etnocentrismo, a autoproclamada superioridade intelectual e moral do branco e o predomínio da cristandade sobre as religiões dos não brancos. Isso em desprezo total dos ritos, deuses, mitos e crenças, da cultura e história desse outro, seja indígena ou negro.

Das contradições surgidas no seio do Iluminismo, doutrina filosófica estabelecida a princípio na França, no século XVIII*, surgem bases ideológicas do racismo que amparadas por essa corrente filosófica, e atualizadas, no século XIX e XX pelo darwinismo social, e por pseudo ciências como a eugenia, que autorizam e submetem ao epistemicídio a produção cultural, simbólica, artística e intelectual daqueles que pertencem a afro diáspora.

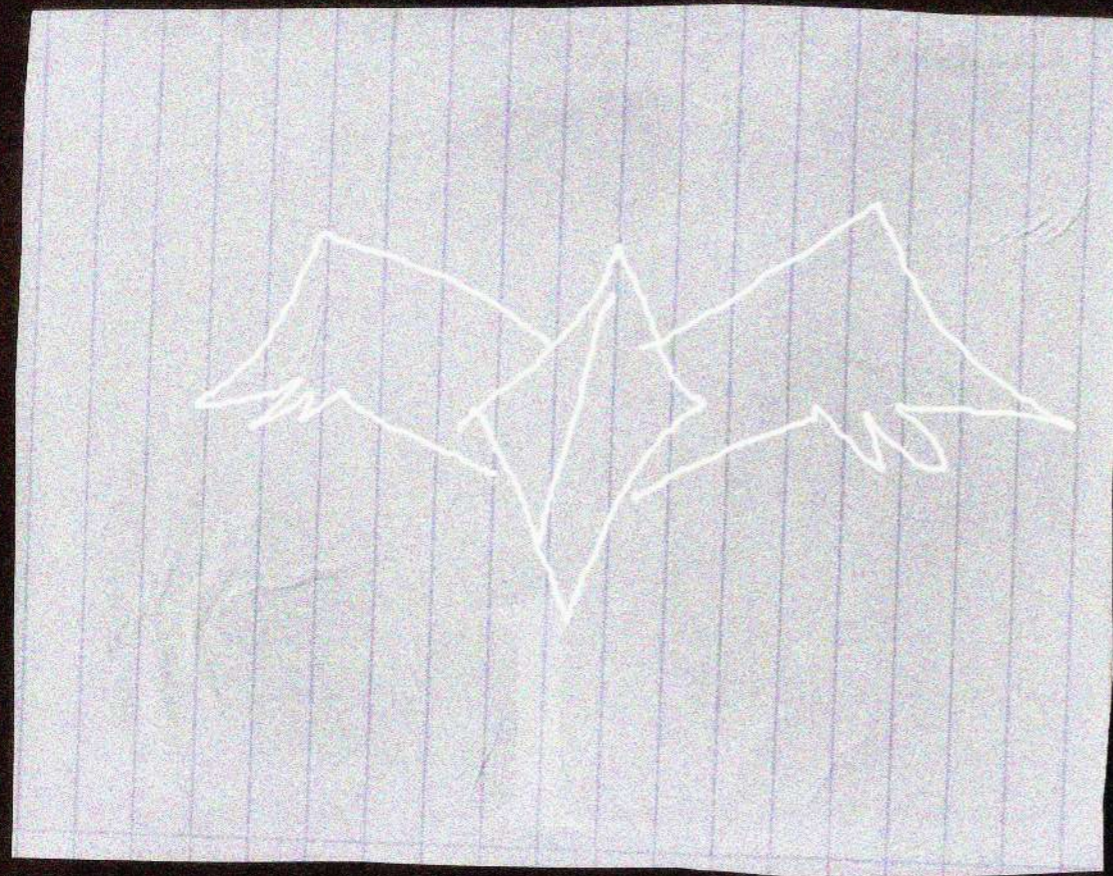
A recusa e reação a esse estado de coisas se dá em várias esferas, da política à arte, e observa várias estratégias, da revolta franca representada pelos quilombos, guerrilhas e rebeliões àquelas mais sutis, mas não menos eficientes, que se verificam através do ativismo artístico e cultural. Artistas e ativistas têm se dedicado ao regaste, validação e reconhecimento das memórias e histórias de negras e negros e nessa tentativa criam e engajam estratégias que revelam graus variados de maturidade artística. Essas atitudes são, às vezes, comprometidas por relações deletérias com um mercado de arte pouco ou nada comprometido com as histórias e as memórias que nesse processo vão sendo prospectadas. Fato que mais uma vez confirma a necessidade premente de “zonas autônomas” de debate e construção de conhecimento como a que se quer estabelecer no Centro Cultural do Cariri Sérvulo Esmeraldo.





O que distingue soupixo e outros criadores do mesmo jaez é, justamente, a radicalidade e a objetividade do seu compromisso com a sua própria história, que é entendida como a história dos seus antepassados e contemporâneos, da sua raça, seu gênero e da sua classe e território. Essa radicalidade que se traduz na cultura material que é inerente ao seu projeto artístico. Os objetos que ela incorpora no seu discurso plásticos estão, como ela revela, revestidos do sentido que a história, o uso e a memória lhes conferem. E são histórias e memórias pessoais, mas, como foi dito, são também transbordantes na sua significação poética.

Trabalhos de alta espessura conceitual e crítica dão sempre o ensejo de revisitar a história e especular sobre seus parâmetros. Neste sentido, é interessante considerar o quanto das opções da artista são, dialeticamente, atravessadas pela história da arte no Ocidente, desde, pelo menos, o advento das vanguardas europeias, e das proposições de Marcel Duchamp (1887-1968). Contudo, se a estratégia que estabeleceu o “ready made” duchampiano, que circunscrito ao seu contexto histórico, implicou em ironia, ambiguidade, corrosão e considerável dose de ceticismo crítico em relação a instituição da arte e dos seus sujeitos. Hoje o mesmo expediente pode, pelo seu uso ou abuso indiscriminado, acusar algum tipo de obsolescência, uma certa erosão do seu sentido corrosivo original. Por outro lado, atitudes similares verificadas em, por exemplo, Bispo do Rosário (1909-1989) se instauram como potência autóctone, num certo sentido, original, já que somente na superfície dessas propostas é que se verifica semelhanças entre uma e outra.



Fé de Deus no homem:
do homem, na vida

E A MULHER
QUA
ONDE?

soupixo, artista/ativista, mulher negra, feminista, proletária e periférica, o lugar que ocupa no mundo, e principalmente, no “sul global”, tonifica, amplifica sua voz e valoriza ou revaloriza, o uso de um esquema já centenário, o ready made, estando mais próxima a Rosário que a Duchamp. Há, portanto, uma validação da estratégia historicizada a partir do uso que faz dela uma artista preta e periférica, sendo isso, portanto, também uma mudança de eixo geográfico no mapa da história que a partir disso é mais caracteristicamente policêntrico.

Na crueza da sua realidade objetiva e material, uma prótese dentária (dentadura), um ferro de passar roupas a carvão, um singelo vestido, quando são elaborados poética-politicamente numa narrativa que os acolhe e lhes ressignifica como relicários, ou artefatos arqueológicos de uma história que, deste modo não mais se perderá, passam a ser tão ou mais potentes na contundência do depoimento que comportam (e transbordam), que manifestos ou proclamações academicamente qualificados.

Se o acesso a produção e a conservação dos registros fotográficos pessoais são desde sempre dificultados para uma parcela considerável da população preta, proletária, periférica ou campesina, coube a soupixo identificar nesse déficit a possibilidade de prospectar nas imagens remanescente de pessoas próximas e nos objetos de uso cotidiano dos seus familiares, mãe e avó, aquelas camadas de significado que deem robustez a histórias de vidas que, dessa maneira, insistem em emergir e permanecer. Uma história de arte profundamente comprometida com uma lógica colonialista determinará que existe uma noção de “evolução” que opera no interior desse sistema e dá sentido a esta história ao estabelecer uma hierarquia de valores tacitamente aceita; soupixo questiona, sem ignorar ou preterir na sua complexidade, a história da arte no ocidente. O que resulta da sua ação quando afetuosamente lança luz sobre um cotidiano outrora soterrado é, justamente, a construção de outra história onde novos léxicos denunciam a hegemonia de ideias em torno do “bem fazer” artístico; ao mesmo tempo em que põe a nu a corrupção/erosão do olhar excludente, olhar que não enxerga nada além do que certo “cubo branco” comporta e reflete.



ENTRE MUNDOS

Rita Huni Kuin e Yaka Huni Kuin

A exposição Entre mundos é um recorte da produção do MAHKU - Movimento dos Artistas Huni Kuin - através dos trabalhos de Yaka Huni Kuin e Rita Huni Kuin. Filhas de Ibã Sales Huni Kuin, fundador do movimento, as artistas são importantes agentes de fortalecimento da cultura Huni Kuin.

Suas atuações artísticas estão diretamente ligadas a operação conceitual base do MAHKU; a utilização da pintura como tecnologia de comunicação entre mundos e resistência cultural. Elas vão além ao desafiar noções rígidas de gênero dentro da cultura que estão envolvidas, onde entende-se a mulher em uma posição proibida de acessar certos costumes e atividades. Yaka e Rita ao atuarem no MAHKU, impulsionam a presença feminina na dinâmica artística Huni Kuin. Nesse sentido, entendem-se como as primeiras mulheres artistas plásticas de sua etnia.

A principal prática artística do movimento está na transformação dos mitos e cantos sagrados que guiam os rituais de ayahuasca em imagens. Esses cantos, por sua vez, são caminhos. Os cantos huni meka operam como pontes e funcionam como instrumentos de mediação entre os mundos visível e invisível. A transformação destes em imagens também gera pontes entre-mundos.

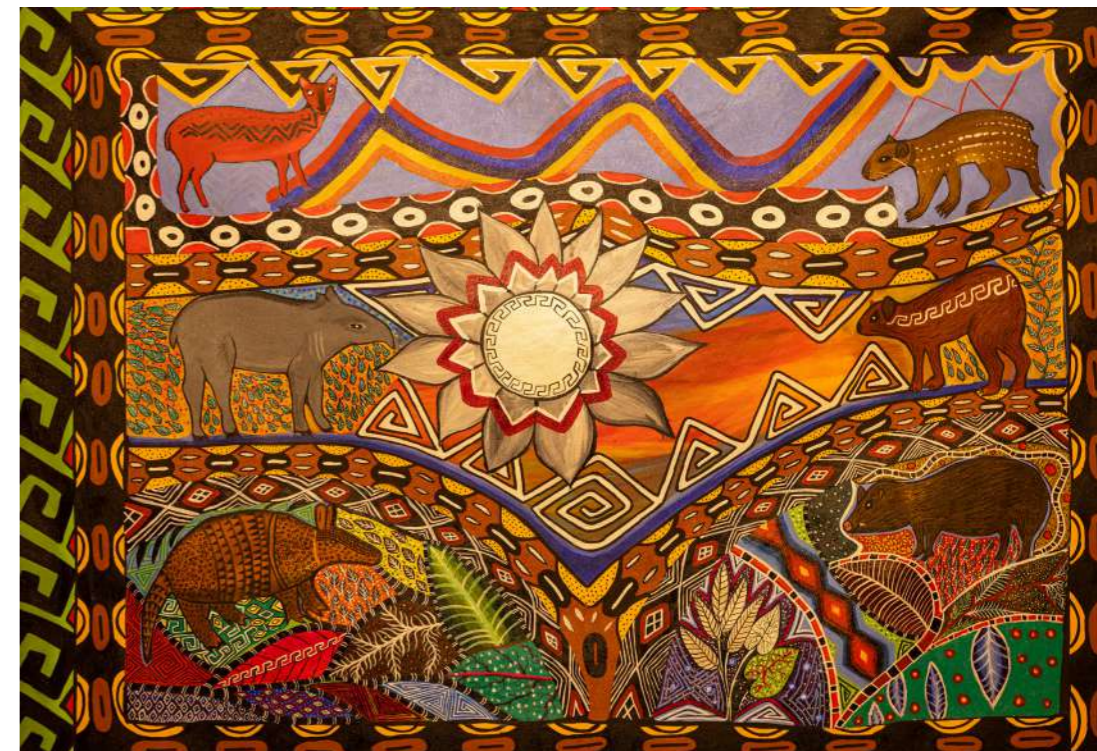
Pinturas que são pontes, tecnologias de relação entre o mundo Huni Kuin e o circuito da arte contemporânea. Os mundos humano, não humano e mítico estão entrelaçados nas pinturas do MAHKU.



Vista da exposição Entre Mundos
Fotografia: Samuel Macedo



Vista da exposição Entre Mundos
Fotografia: Samuel Macedo



Yame Awa Kawanai, 2024
Rita Huni Kuin - MAHKU
Fotografia: Samuel Macedo

ENTRE MUNDOS E AS LATÊNCIAS DA PRESENÇA FEMININA NA ARTE INDÍGENA

Texto: Naine Terena, curadora.

Entre Mundos

Rita Huni Kuin e Yaka Huni Kuin

“Sou Yaka Huni Kuin da aldeia Chico Curumim, Jordão - AC, Brasil.

Meu trabalho é importante para afirmar a presença das mulheres indígenas nas artes contemporâneas. As pinturas que eu faço tem um fundamento cultural pois elas traduzem as histórias e canções tradicionais Huni Kuin. É uma forma de preservar e praticar a cultura no mundo contemporâneo para trazer mais visibilidade a nossa narrativa e cosmovisão indígena.”

Essa é a maneira como Yaka destaca suas inspirações e pesquisas enquanto artista visual que ganha a cena da arte contemporânea. Assim como Yaka, Rita Huni Kuin, faz parte de um grupo de jovens artistas indígenas que emolduram suas produções com a cosmovisão indígena. Ambas fazem parte do Coletivo Mahku - Movimento dos Artistas Huni Kuin, mas também transitam em outros segmentos de produção cultural, como o audiovisual, reforçando o poderoso diálogo estético que agentes indígenas incorporaram a suas agendas nas últimas décadas, o que venho denominando como quarto momento da história indígena: aquele em que a absorção das múltiplas tecnologias e posicionamentos em espaços de produção não indígenas, tornam-se pontes para que a percepção de ser e estar no mundo dos indígenas alcancem maior audiência.

Este momento é consolidado principalmente nas artes visuais, onde a arte indígena causa imbricações nos pensamentos canônicos e se estabelecem como uma ‘categoria’ de produção estética-histórica que segue diretrizes próprias dos artistas indígenas que vem se destacando no cenário.

a sua presença artística como sendo um instrumento para levar a arte Huni Kui a outros locais, como os Museus, Feiras e exposições. “Através de mim a arte pode surgir de várias formas. Não só a pintura, mas a arte de falar, de cantar, de dançar, relacionada a cultura, simplesmente o fato de existir, já estamos sendo obra de arte. No mundo, tudo que está ao meu redor é arte. Eu não consigo ver algo que não seja arte”.

Como desfecho dessa posição consolidada de ser e estar no mundo movidas pela arte, os visitantes de Entre mundos - Yaka Huni Kuin e Rita Huni Kuin MAHKU - Movimento dos Artistas Huni Kuin, se apresentam e são apresentados ao conjunto de obras roduzido pelas duas artistas, que buscam traduzir a linguagem do espírito através das obras bidimensionais.



As cinco obras escolhidas para essa exposição, são pinturas com cores vivas, muitos elementos do mundo animal, vegetal, humano e espiritual, mesclados a grafismos e outras formas que podem saltar aos olhos do observador, sendo uma forma de relatar os cantos e as histórias do universo Huni Kuin, pois, as pessoas não Huni Kuin necessitam realizar um esforço maior para entender os detalhes mais minuciosos da cultura desse povo, quando não expressas na pintura, ressaltam as artistas. Para ambas, a pintura é um forte instrumento de comunicação, justamente porque, ao entrar em contato com as cores e formas das suas obras, outras sensações e sentidos são despertados, o que as leva a afirmar que comunicar não é somente falar. É ver, é perceber, é sentir, e a composição estética das telas de Yaka e Rita reforçam essas noções para a comunicação entre mundos. As artistas acreditam que ao entrar em contato com suas produções, as pessoas podem perceber o todo energético que suas formas e cores carregam, justamente, porque, são as maneiras de conectar ao outro mundo. Suas pinturas são portais entre-mundos.

LATÊNCIAS DA PRESENÇA FEMININA NA ARTE INDÍGENA

Dos destaques da presença indígena em diferentes segmentos da arte e da comunicação, vê-se a presença marcante de mulheres e jovens. Esses grupos se colocam inteiramente à disposição para o aprendizado de diferentes códigos para resguardar seus códigos originários e também, fortalecer a presença num cenário antes inabitado por eles. A expansão da presença indígena neste momento de arte contemporânea se dá devido as construções de muitos artistas e coletivos indígenas que decidiram imprimir suas colaborações na construção deste outro cenário sendo o Coletivo Mahku, um desses protagonistas, junto de tantos outros agentes, figuras que ganham notoriedade e reconhecimento.

A latência da presença feminina neste circuito fomenta debates e diálogos sobre o papel das mulheres nas diferentes sociedades indígenas e em especial no Coletivo Mahku, onde Rita e Yaka vão cons-

truindo latências. Elas tomam a dianteira da formação dessa uma nova geração Huni Kuin, em especial das mulheres, para a ocupação de espaços para além das convenções locais e sabem da importância disso, principalmente por que arte é o que lhe inspira, o que consegue transformar, que a faz sentir fazer parte dos mundos, expressar sentimento, fazer as músicas, dançar: Arte é o que está ao seu redor e tudo que consegue utilizar para tal.

Como corpos femininos em trânsito e em difusão das suas s no circuito da arte não só entre os Huni Kuin, mas entre os artistas de forma geral, ambas reforçam o pulsar de conhecimentos artísticos adquiridos ao longo da vida, no núcleo da vida social Huni Kuin e fazem questão de frisar tal presença. Ao se mover, de um campo a outro, de uma exposição a outra, elas ativam presenças e reforçam existências, porque são corpos artísticos em movimento. Entremundos, vão desenhando o caminho Huni Kuin nos pátios dessa imensa aldeia que constitui a história da arte, da arte contemporânea, da arte indígena brasileira.





escuta sensível das plantas

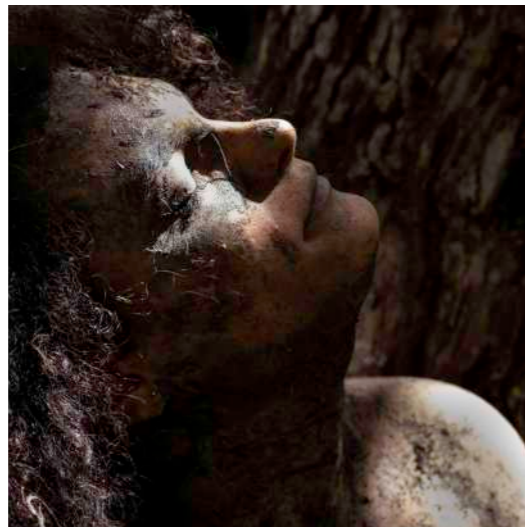
Lyz Vedra

Quando respiramos, tragamos o sopro das plantas. Estamos dentro uns dos outros sem nem sequer perceber. Humanos ou plantas, também somos feitos dos mesmos ingredientes de tudo à nossa volta. Os mestres e mestras da grande mãe terra há muito sentem a pulsão vital que nutre as materialidades orgânicas que nos mantêm, moléculas de oxigênio e gás carbônico, células animais e vegetais, tecidos e órgãos. O indivíduo é uma mentira, somos sempre em comunidade.

Mais do que nunca, o resultado das intervenções destrutivas à biosfera apontam a necessidade urgente de uma revolução dos afetos e o abandono das relações daninhas ao sustento da vida. Para tal urgência existem múltiplos caminhos e um deles aconselha: as plantas têm a nos ensinar. Elas desenvolveram saberes e modos de se relacionar através das gerações da vida na terra.

De antemão, Escuta Sensível das Plantas dá nome a uma abordagem somática desenvolvida pela artista-pesquisadora Lyz Vedra, travesti negra e oriunda do território maracanauense. Tal abordagem propõe exercitar estados de corpo integrais na busca pela diluição da razão vigilante para trabalhar uma abertura à experiência corpórea em sintonia com as plantas.

Fotografia: Allan Minerva



Proposta por Lyz Vedra, a exposição Escuta Sensível das Plantas compartilha com o público sua pesquisa em dança e ecoperformance. Com obras e instalações que articulam entrelaces poéticos, políticos e afetivos entre a corporeidade travesti da artista e a corporeidade vegetal das plantas, o ambiente imersivo propõe um resgate dos saberes ancestrais do planeta por meio de uma sensibilidade crítica.

A expografia, por sua vez, é pensada como uma mediação sensível das ações ecoperformativas que as obras elaboram. Ao passo que apresenta o recorte de uma trajetória de pesquisa e criação em artes, propõe diálogos por meio do atravessamento entre corpo, imagem, som, dança e ancestralidade a partir do paradigma de uma sobrevivência ecotranstravesti.



Vista da exposição.
Fotografia: Samuel Macedo



Abertura do Programa de Exposições
Fotografia: Samuel Macedo



Abertura do Programa de Exposições
Fotografia: Samuel Macedo

ECOS DE UMA ESCUTA SENSÍVEL DAS PLANTAS

*Texto: Elton Panamby, artista/pesquisadore.
Escuta Sensível das Plantas
Lyz Vedra*

Na exposição “Escuta Sensível das Plantas”, a artista Lyz Vedra apresenta uma navegação de canoa no contrafluxo das taxonomias e processos de quantificação e capitalização do mundo natural, através de obras em múltiplas linguagens compondo um ecossistema híbrido no espaço expositivo. Transita entre estados e matérias, convoca mundos a partir de sua relação com diferentes entes, mas principalmente com as plantas. A inseparabilidade entre natureza-cultura, corpo-natureza; as existências partilham de memórias e parentescos: corpos pedra, corpos-árvore, corpos-bicho, corpos-rio, corpos-gente, corpos-terra...

Vedra traz ainda uma forte conexão familiar a partir das sabedorias herdadas de sua família do Vale do Jaguaribe. A exposição traz uma partilha de pesquisa artística indissociável de saberes ancestrais pulsantes, de uma artista em profunda simbiose com o mundo vegetal, relação que transborda em suas obras.

Lyz fala em reconhecer-se em paridade com seres não-humanos, sentir-se acolhida pelas plantas enquanto existência trans num mundo hostil e nada receptivo a vidas fora da norma cisheterobranca. As plantas também são insubordinadas fogem e rasgam a norma colonial, por isso a todo tempo são exterminadas. A relação entre plantas e pessoas trans não é apenas figura de linguagem, é estrutura sentida nas carnes, raízes e caules. A escuta profunda proposta por Vedra não é sobre, mas com as plantas. Não é tradução, mimesis ou especulação, mas uma partilha do que se passa na experiência entre.



Acolher as plantas que têm suas existências sufocadas pelas grandes cidades e seu progresso: danças arborescentes, travestis como árvores de todos os tamanhos, cores e formas. Respirando raízes nos subterrâneos da terra. Desenhos na calçada são forjados a carvão a partir de uma dança que gera grafias, produzindo sons metálicos que transitam de um lado a outro dos meridianos auriculares. Estruturas celulares, peles, tecidos, moléculas, tramas. Presenças dissidentes em zona de conflito.



Vista da exposição.
"Descaminhos".
Fotografia: Samuel Macedo

SÃO COABITAÇÕES.

Ao convidar o público para sentar/deitar em esteiras de palha para fruir da obra audiovisual que dá título à exposição, nos coloca rente ao solo, na altura do chão, aproximando-nos de experiências onde a espiritualidade encontra-se diretamente vinculada ao corpo e ao reino vegetal. Fundamentos do que chega rasteiro, do fundo... Forças, e na arte/pesquisa de Lyz Vedra se apresentam na potência travesti. São ancestralidades que não estão centradas no humano enquanto qualidade fundante, mas que encontram-se no que tange a ciência das plantas. Seivas, filamentos, suores. Sangue vegetal que banha a terra ferida.

Em "Descaminhos", lembrar e esquecer como operações necessárias à sobrevivência. Penso se não estamos falando aqui para além das transformações e transições físicas e espaciais, mas também sobre a viagem no tempo e o quanto este ir e vir, ir e voltar, re-voltar, são movimentos que acompanham corporalidades integradas à terra, povos originários e em diáspora. Nesta obra faz referência direta à Árvore do Esquecimento, baobá onde pessoas prestes a serem escravizadas de África para outros lugares do mundo circulavam à volta, num feitiço de esquecimento, para um processo de desenraizamento, antes de partir rumo à travessia do tráfico humano. Vedra circunda em sentidos alternados uma árvore de amescla, tece, urde, sutura as peles dos tempos e realiza o contrafeitiço do esquecimento por uma perspectiva afroindígena. Desesquece antes de lembrar e lembra para sobreviver.

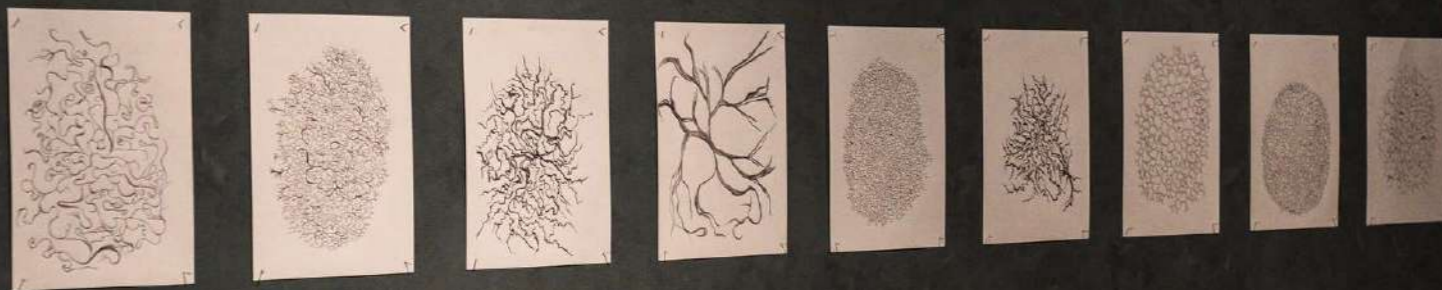


Vista da exposição."Descaminhos".
Fotografia: Samuel Macedo

A planta (amescla) sangra uma resina cheirosa que quando coletada e queimada faz uma defumação forte que tem o poder de limpar e purificar espaços, muito utilizada por diversos povos indígenas, entre eles os Pataxó com quem a artista entrou em conexão. É uma proteção contra os males. Cheiro de amescla me lembra reza na oca ou no terreiro. Então a artista reza com o corpo todo, pés que pisam solo da mata fértil de folhas virando adubo, mãos que como tentáculos trocam informações e afetos com os

entes que toca (vento, tronco), os cabelos como raízes para o alto, peito aberto, corpo fechado: Coraci coração da mata travesti.

A série de desenhos também dança; apresenta uma cartografia sensível dos “microcosmos das plantas e cosmopolíticas travestis”. Rendas, veias, teias, tramas de dentro das células, emaranhados como raízes de manguezal, como o esqueleto das folhas.



Corpo-Rizoma, 2021

Fotografia: Alian Minerva



As sonoridades atravessam as obras como fio de costura ou de azeite. Cozinha e conduz para a imersão nos universos que Vedra propõe; para a Escuta Sensível das Plantas. Em conexão profunda com as imagens elaboradas em vídeo, foto-performances, desenhos, instalação sensorial onde nos convida a enxergar com os pés, nos lembra que os estados de escutas estão intimamente ligados aos estados de afetação, como aquilo que nos afeta, nos transpassa, enquanto entes em permanente transição. Os sentidos são provocados para além da visão. São convocadas além das sonoridades e visualidades, cheiros e texturas para acessar. Nos convida a desnudar os pés para pisar na terra, instala cheiros ativando outras zonas de memória, acessando outras espaço-temporalidades. A artista traça seu percurso diante de uma noção crítica, que reconhece as disputas e conflitos que a envolvem. A luta pelos territórios, as diásporas, a danação dos biomas pelas necropolíticas e o incessante labor de povos da terra pela preservação. Lyz Vedra enfeitiça não por uma visão bucólica da natureza, como a cisbranquitude ao ocupar-se em dissecá-la (entre as odes e os ódios), mas nos conduz pelas sensações impossíveis, insurgentes e disruptivas como plantas que nascem rompendo o asfalto e erigindo ruínas nos edifícios coloniais. É prática artística enquanto produção de conhecimento através de algo que não se explica; é expressão, elaboração no território do sensível, semeadura de belezas viscerais.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Elmano de Freitas da Costa
GOVERNADOR DO CEARÁ

Jade Afonso Romero
VICE-GOVERNADORA DO CEARÁ

Luisa Cela de Arruda Coelho
SECRETÁRIA DA CULTURA

Rafael Cordeiro Felismino
SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CULTURA

Geciola Fonseca Torres
SECRETÁRIA EXECUTIVA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO INTERNA DA CULTURA

Caio Anderson Feitosa Carlos
COORDENADORIA DA REDE PÚBLICA DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS DO CEARÁ (COPEC)

Jéssica Ohara Pacheco Chuab
COORDENADORIA DE PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA

Leandro Macielt
COORDENADORIA DE POLÍTICAS PARA AS ARTES INSTITUTO MIRANTE DE CULTURA E ARTE

Tiago Santana
DIRETOR PRESIDENTE

Iana Soares
DIRETORA EXECUTIVA

Ana Javes Luz
DIRETORA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA

Charlene Régis
SUPERINTENDENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Daina Leyton
ASSESSORA DE EDUCAÇÃO, ACESSIBILIDADE E MEMÓRIA

Dione Silva
ASSESSORA DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS E ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA

Fabiano Veríssimo
ASSESSOR DE AÇÃO CULTURAL

Fernanda Cavalli
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO

Abílio Oliveira
GERENTE DE PLANEJAMENTO

Amanda Lima
GERENTE DE PROJETOS ESPECIAIS E GOVERNANÇA

Evelma Taveira
GERENTE DE DEPARTAMENTO PESSOAL

Isabel Ferreira Lima
GERENTE DE EXPERIÊNCIA E LINGUAGEM

Natasha de Paula
GERENTE DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Renata Duarte
GERENTE DE OPERAÇÕES E SERVIÇOS

Vinício Brígido
GERENTE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

BRA Advocacia Artística e Cultural
ASSESSORIA JURÍDICA

CENTRO CULTURAL DO CARIRI SÉRVULO ESMERALDO

Rosely Nakagawa
DIRETORA

Fabiana Barbosa
ASSESSORA EXECUTIVA

GERÊNCIA DE AÇÃO CULTURAL

Gabriel Campos
GERENTE DE AÇÃO CULTURAL

Jéssika Kariri
COORDENADORA DE AÇÃO CULTURAL

Alda Maria, Anália Lobo
PRODUTORAS

Lázaro Macêdo
ANALISTA DE PRODUÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Rondinele Furtado
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Daniel Rodrigues
TÉCNICO DE EQUIPAMENTOS - ÁUDIO E SOM

Maria Hellen
ESTAGIÁRIA AÇÃO CULTURAL

GERÊNCIA DE FORMAÇÃO, LIVRO E LEITURA

Regivania Almeida
GERENTE DE FORMAÇÃO, LIVRO E LEITURA

Fagner Fernandes
COORDENADOR DE EDUCAÇÃO E PESQUISA

Jayze Cunha
SUPERVISORA DE FORMAÇÃO, LIVRO E LEITURA

Pessoa Júnior
ANALISTA DE ACESSIBILIDADE, DIVERSIDADE E CIDADANIA

Maria de Fátima Pinheiro, Rebeca Henrique , Simone Valdevino
INTÉRPRETES DE LIBRAS

Bruna Almeida
AUXILIAR EDUCATIVO - CIÊNCIA

Tiago Setuval
AUXILIAR EDUCATIVO - CULTURA E NATUREZA

Cícero Manoel
ASSISTENTE EDUCATIVO

Natalia Alves, Tainá Mariene
AUXILIAR EDUCATIVO - BIBLIOTECA

João Marney
ESTAGIÁRIO DE FORMAÇÃO, LIVRO E LEITURA

GERÊNCIA INFRAESTRUTURA E OPERACIONAL

Rodrigo Costa Leandro
GERENTE DE OPERACIONAL E INFRAESTRUTURA

Kleber Brito
COORDENADOR DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Álvaro Esmeraldo
SUPERVISOR DE INFRAESTRUTURA

Levi Mendes
SUPERVISOR OPERACIONAL

Francisco Sampaio
SUPERVISOR DE LOGÍSTICA

Vanderlan Araújo
TÉCNICO DE PESQUISA T.I

Evânio Soares
TÉCNICO DE EQUIPAMENTO

João Paulo Tavares
TÉCNICO DE EQUIPAMENTO - SOM E ILUMINAÇÃO

Alysson José
ANALISTA DE TI

Bruno Rocha
AUXILIAR DE MANUTENÇÃO DE TI

Nicássia Rosa
ANALISTA DE GOVERNANÇA

João Deuel
ANALISTA DE HOTELARIA

Hamilton Luiz, Antônio Afif, Natanael Liborio
ASSISTENTES DE MANUTENÇÃO

Clécio Hércules
ELETRICISTA

Alycia Araújo, Ana Vitória, Cassia Batista, Emanuelle Modesto, Josilene Silva, Patrícia Rodrigues
Recepcionistas

Eduardo Landim
ESTAGIÁRIO DE ARQUITETURA

GERÊNCIA ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Ana Lúcia Carneiro
GERENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Sylvia Calixto
COORDENADORA DE FINANCEIRO

Ranielle Fernanda
SUPERVISORA DE PLANEJAMENTO FINANCEIRO

Natalya Anselmo
ANALISTA DE DEPARTAMENTO PESSOAL

Bruno Macêdo
ANALISTA DE COMPRAS

Ana Leonor Piancó
ANALISTA ADMINISTRATIVO FINANCEIRA

Rafaela Pereira
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO

Vitor Alencar
ESTAGIÁRIO JURÍDICO

GERÊNCIA DE PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA

Bitu Cassundé
GERENTE DE PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA

Maria Macêdo
COORDENADORA DE PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA

Eliana Amorim
COORDENADORA DE EDUCATIVO

José Lúcio
SUPERVISOR DE PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA

Francisco Pereira
SUPERVISOR DE PESQUISA

Filipe Alves
SUPERVISOR DO EDUCATIVO

Carlos Henrique Soares
SUPERVISOR NÚCLEO ARTES E OFÍCIOS

David Leonardo
TÉCNICO ESPECIALISTA EM
PATRIMÔNIO
E MEMÓRIA

Sheder Bittencourt
IMPRESSOR

**Kamila Rodrigues, Anna
Tamirys**
GALERISTAS

**Rawan Carvalho, Natália
Pinheiro, Matheus Barbosa**
AUXILIARES EDUCATIVOS

**Dany Vlinder,
Gabriele Ardant,
Erikson Kariri,
Ingrid Pereira,
Germano Vieira,
Eduarda Felix**
ESTAGIÁRIOS/AS NÚCLEO EDUCATIVO

GERÊNCIA DE TEATRO

Américo Córdula
GERENTE DE TEATRO

Paulo Andrezio
SUPERVISOR ARTES CÊNICAS

Michel Leocaldino
SUPERVISOR TÉCNICO

Clara Oliveira
TÉCNICO ESPECIALISTA DE PRODUÇÃO
E PROGRAMAÇÃO

Rômulo César
TÉCNICO ESPECIALISTA -
EQUIPAMENTOS DE TEATRO

Irlanio Azevedo
TÉCNICO ESPECIALISTA -
ELETRICIDADE

João Afonso
TÉCNICO DE ESPECIALISTA - SOM

Sinesia Ventura
TÉCNICA ESPECIALISTA - LUZ

Davi Oliveira
ANALISTA DE EQUIPAMENTOS - SOM

Fernanda Jayne
AUXILIAR DE MANUTENÇÃO - LUZ

Ricardo Oliveira
AUXILIAR DE PALCO E CAMARIM

**Carlos Eduardo, Wesley
Filipe**
RECEPCIONISTAS BILHETEIROS

COMUNICAÇÃO

Bibiana Belisário
COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

Allan Bastos
COORDENADOR DE ARTICULAÇÃO
COMUNITÁRIA

Rayssa Leonel
SUPERVISORA DE COMUNICAÇÃO

Joedson Kelvin
TÉCNICO ESPECIALISTA EM MÍDIAS
SOCIAIS

Aécio Diniz
TÉCNICO ESPECIALISTA RÁDIO -
EDIÇÃO DE ÁUDIO

Pâmela Queiroz
TÉCNICO ESPECIALISTA RÁDIO -
JORNALISMO DE ÁUDIO

Rafael Monteiro
DESIGNER

Samuel Macedo
FOTÓGRAFO

Hélio Filho
VIDEOMAKER

Amanda Arrais
ESTAGIÁRIA COMUNICAÇÃO

**SERVIÇOS GERAIS,
JARDINAGEM,
APOIO E SEGURANÇA**

Edison Gomes de Oliveira, Deivid
Patricius Santos Alencar, Luiz
Eduardo de Lima Fagundes, Maria
Marcela da Silva Feitoza, Cleysa
Isabella Formiga da Silva, Eliene
Pereira da Silva Rodrigues, Clécio
Nunes Pereira, Luís Ronaldo
Gonçalves, Francisco Norberto
Holanda, Cícero Paulo Pereira da
Silva, Maria Fabiana Nunes Guedes,
Renato dos Santos Macedo, Ediglê
da Silva, Cleidivania Calixto de
Almeida, Clodoaldo Soares da Silva,
Cícero Sonoésio Leite de Oliveira,
Deybson Lauro ngelo, José Flávio
da Silva Sousa, Elanio Pinheiro
Nascimento Santana, Antônio
Wilson Teófilo, Antônio Josenildo
Pereira da Silva, Alexandre Leite de
Almeida Santos, Rubens Rodrigues
Silva, José Nadiel Gomes Paulo,

Marlon Machado da Silva, Rafael
Galdino do Nascimento, Andressa
Ferreira Carias, Fábio Júnior
Clemente Silva, Adanilzo Gonçalves
de Souza, Sérgio dos Santos Silva
VIGILÂNCIA

Aline Galdino Luna, Francisca Alves
do Nascimento, Francisca Alves
dos Santos Neta Aquino, José Lino
da Silva, Layslane Pereira Carvalho,
Márcia Maria Freire Costa Brito,
Rosibel Joseilys Gomez Delgado,
Samilly Sanaelly Pereira Pontes
SERVIÇOS GERAIS

Alex da Silva Honório, Francisco
Eudes Ferreira, Jorge Rodrigues dos
Santos
APOIO

Abner Eliecer Maurera, Erick
Henrique de Oliveira Soares,
Francisco Heldon Honório, Izaías
Dutra Ferreira, Klisman Limaverde
Silva, Pedro Henrique Soares Neto,
Vitor dos Santos Lopes, Wendel José
Pereira de Sousa
JARDINAGEM

PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES

Gerência de Patrimônio Cultural e Memória
CONCEPÇÃO

Bitu Cassundé
GERENTE DE PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA

Maria Macêdo
COORDENAÇÃO GERAL

Francisco Pereira
PRODUÇÃO EXECUTIVA

Rizoma Produções Culturais
ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO

Adelaide Pontes, Gustavo Caboco, Renata Felinto
BANCA AVALIADORA

Claudinei Roberto, Elton Panamby, Luciara Ribeiro, Naine Terena
TEXTOS CRÍTICOS

Rodrigo Costa Leandro
GERÊNCIA DE INFRAESTRUTURA E OPERACIONAL

Álvaro Esmeraldo
EXPOGRAFIA

Anna Carolyne Galvão
ESTAGIÁRIA INFRAESTRUTURA

Antônio Afif Gonçalves, Clécio Hércules Brito Justino, Hamilton Luiz da Silva, Natanael Liborio Lino
EQUIPE DE MANUTENÇÃO

Josymar Nascimento, Gerência de Patrimônio Cultural e Memória, Gerência de Infraestrutura e Operacional
MONTAGEM

Sinésia Ventura, Fernanda Jayne
ILUMINAÇÃO

Daniel Rodrigues, João Paulo
ÁUDIO E VÍDEO

SPH Comunicação Visual
IMPRESSÃO GRÁFICA

Joice Nunes
REVISÃO DE TEXTOS

Bibiana Belisário
COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Rayssa Leonel
ASSESSORIA DE IMPRENSA

Joedson Kelvin
MÍDIAS SOCIAIS

Rafael Monteiro
DESIGNER

Débora Rozado, Amanda Arrais, Eduarda Santos
ESTAGIÁRIAS COMUNICAÇÃO

Eliana Amorim
COORDENAÇÃO DO EDUCATIVO

Filipe Alves
ARTE EDUCADOR

Andreia Leitão, Francynne Galdino, João Eudes, Leidiane dos Santos, Rawan Carvalho
EDUCADORES/AS

Bárbara Silvino, Kamila Rodrigues, Tamyris Potyguara
GALERISTAS

Dany Vlinder, Erikson Kariri, Gabriele Ardant, Ingrid Pereira
ESTAGIÁRIOS EDUCATIVO

Maria de Fátima Pinheiro, Simone Valdevino, Rebeca Henrique
ACESSIBILIDADE LIBRAS

BAIÃO DE DOIS: XILOGRAVURAS E ENCANTOS

Pedro de Lima
ARTISTA E AUTOR DAS XILOGRAVURAS

Joana Brito de Lima Silva
CURADORA DAS OBRAS E AUTORA DO PROJETO

Antonieta Brito
PRODUTORA

Mariana de Lima
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Érick Lima, Carlos Henrique, Luciano Donizetti da Silva
APOIO TÉCNICO NA IMPRESSÃO DAS XILOGRAVURAS

ENTRE MUNDOS

Yaka Huni Kuin, Rita Huni Kuin
ARTISTAS

Luan Lima
PRODUÇÃO E LOGÍSTICA

Galeria Carmo Johnson Projects
AGRADECIMENTOS

ESCUTA SENSÍVEL DAS PLANTAS

Lyz Vedra
ARTISTA

Dissidente
PRODUÇÃO EXECUTIVA

Luan Mateus
PRODUÇÃO

Laura Brasil
ASSESSORIA DE IMPRENSA

Arquelano
SONOPLASTIA

Mairla Corrêa (MeridArtDesign)
DESIGN E IDENTIDADE VISUAL

Elton (Art Print)
IMPRESSÃO

Freire Projetos
CONSULTORIA EM MARCENARIA

Projeto Fotografia Tátil, Laboratório de Experiência Digital (LED) da UFC Grupo Legendagem e Audiodescrição (LEAD), Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV) da UECE
ACESSIBILIDADE

Carlos Viana
BRAILLE

DENEGRINDO ARQUEOLOGIA PESSOAL

soupixo
ARTISTA

Lívio Pereira
CURADORIA

soupixo
TEXTOS

soupixo e Lívio Pereira
EXPOGRAFIA

Fatozero Produções Culturais
PRODUÇÃO EXECUTIVA

Antônia Ana de Jesus, Maria do Socorro Oliveira Santos, Renata Aparecida Felinto dos Santos, Andrea Sobreira de Oliveira, Valéria Carvalho Neves, Clélia Souza Zeferino, Jéssica Lorenna Lima Gonçalves, Nayra Mayara Gomes de Souza e a todas as mulheres que, direta ou indiretamente, colaboraram com esta pesquisa
AGRADECIMENTOS

EDITORIAL CATÁLOGO

Gerência de Patrimônio Cultural e Memória
Coordenação de Comunicação
ORGANIZAÇÃO

Débora Rozado e
Rafael Monteiro
PROJETO GRÁFICO

Claudinei Roberto, Elton Panamby,
Luciara Ribeiro, Naine Terena,
Rosely Nakagawa
TEXTOS

Joice Nunes
REVISÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P964

Programa de exposições / organizado por Centro Cultural do Cariri. - Crato :
Impressão Gráfica, 2025.

75p. il., color.

ISBN 978-65-986125-0-4

1. Exposições de arte 2. Arte - Catálogos I. Centro Cultural do Cariri II. Título.

CDD 708.098131

Ana Maria Farias – CRB3-858

Índice para catálogo sistemático

1. Artes 700
2. Exposições de arte 708

Esse programa foi realizado através do Edital nº 023/24 – Chamada pública para o 1º Programa de Exposições do Centro Cultural do Cariri, lançado em julho de 2024 com recursos oriundos do Contrato de Gestão nº 016/2022, firmado entre o Instituto Mirante de Cultura e Arte e a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Nesta edição, as propostas foram distribuídas em 03 (três) categorias: 02 (duas) propostas de artistas ou coletivos residentes no Cariri Cearense, uma proposta de artista ou coletivo residente na região Nordeste e uma última proposta em âmbito nacional, de artista ou coletivo Brasileiro ou Estrangeiro residente no Brasil.

instituto
mirante

CARIRI
Centro Cultural

 **CEARÁ**
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA